

SOBRE OLHOS QUE CHORAM E GRITAM: UMA ANÁLISE DO RACISMO ESTRUTURAL EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ABOUT EYES THAT CRY AND SCREAM: AN ANALYSIS OF THE STRUCTURAL RACISM IN *OLHOS D'ÁGUA*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Luizir de Oliveira¹
Gil Derlan Silva Almeida²

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar sobre a ótica do racismo estrutural no conto *Maria*, que compõe a coletânea *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Como metodologia, utilizou-se pesquisa qualitativa. Enquanto aporte teórico, usamos o conceito de racismo estrutural apresentado por Almeida (2020) e sobre a experiência social do negro de Fanon (2008), além do mais, valeu-se da noção de estigma de Goffman (2021). Pode-se perceber que a personagem protagonista do conto sofre a partir de uma conjuntura de racismo estrutural um processo de inferiorização e posterior silenciamento de seu discurso, ao ponto que este culminou em uma tragédia.

Palavras-chave: racismo estrutural, violência, *Maria*, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the perspective of structural racism in the tale *Maria*, which compose the collection *Olhos d'água*, by Conceição Evaristo. As a methodology, we use qualitative research. As a theoretical contribution, we use the concept and dialogues about structural racism presented by Almeida (2020) and on the social experience of black people by Fanon (2008), in addition, it uses the notion of stigma by Goffman (2021). We can see that the protagonist character of the story suffers from a conjuncture of structural racism a process of inferiorization and subsequent silencing of her speech, to the point that it culminates in a tragedy.

Keywords: structural racism, violence, *Maria*, Conceição Evaristo.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Filosofia e professor permanente do Mestrado Profissional em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5862908010726439>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5333-8580>

² Doutorando em Letras/Estudos Literários (UFPI), com doutorado sanduíche na NYU (EUA). Bolsista FAPEMA. Professor no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), *campus* Bacabal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9895542748227866>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0270-5149>

1 Introdução

Enquanto a literatura se ocupar de promover o debate social e a discussão sobre temáticas que refletem o caos e as más de condições de grupos sociais ditos minorizados, podemos perceber um forte de viés de enxergar nesse tipo de texto literário um instrumento de denúncia para situações que ameaçam os direitos humanos e a tão sonhada igualdade entre os indivíduos que compõem a sociedade. Partindo desse pressuposto, o fazer literário de Conceição Evaristo tem ganhado o Brasil e o mundo com uma escrita que reclama para a sociedade um espaço de discussão e mudança para com as questões raciais. A autora mineira traz à cena um sujeito negro invisibilizado, que reivindica seu espaço, ainda que enunciando essa voz dos liames da dor, temática circundante dentro da proposição aqui analisada.

Assim, em *Olhos d'água* (2014), deparamo-nos com personagens que representam o ápice de uma violação contra seus corpos e identidades, mais precisamente retratando, neste cenário, o corpo feminino da mulher negra em suas vivências periféricas dos grandes centros urbanos do país. Desta maneira, enxergando o corpo feminino negro como o cerne de uma disputa de poder que se calca em uma supremacia branca e masculina, e que busca minimizar e aniquilar esses indivíduos, o presente trabalho busca analisar sobre a ótica do racismo estrutural a narrativa do conto *Maria*, que compõe a coletânea evaristiana *Olhos d'água* (2014).

No referido conto, o ponto crucial da discussão gira em torno de uma normalização da violência contra corpos de sujeitas negras, o que nos intriga sobre como as estruturas hegemônicas e coloniais respaldam seus discursos de ações em uma prática, que ao passo que aniquila vidas, mostra naturalidade nesse processo. O texto de Conceição Evaristo reclama e grita sobre a urgência dessa discussão, atinando sobre um forte e expressivo número de atentados cotidianos e diários que marcam os jornais e noticiários, e que por vezes, não se desdobram em nada além disto.

Cunhando essa escrita pelo tom da escrevivência, marcador teórico, já apontado pela própria autora, vemos que seria impossível uma dissociação da literatura com as experiências circundantes dos sujeitos que as produzem, pois não haveria como separar a representação do que é vivido de sua matéria-prima social. A escrevivência

aparece, então, como uma ferramenta que abre os olhos sobre como a vivência negra, representada na escrita de diversos nomes da literatura contemporânea, traz à tona um olhar do sujeito negro contando suas próprias histórias, autor de si e que enuncia seu discurso sem a voz de um emissor colonial.

A vida negligenciada da personagem Maria, que intitula o conto analisado, revela um processo que para Silvio de Almeida (2020) seria denominado de racismo estrutural, uma categoria analítica que enxerga o processo incutido de dominação branca e opressão negra como comuns a nossa sociedade, mas que acima de tudo, busca uma perpetuação constante a fim da manutenção de *modus operandi* colonial e violento contra sujeitos racializados.

A ficção do conto ultrapassa a fronteira do imaginativo para propor a reflexão sobre como o processo do racismo estrutural opera como um condutor de práticas racistas nas mais variadas instâncias e situações da vida cotidiana. Quer seja numa fila de supermercado, numa mesa de bar ou num ônibus, essa variante acompanha um falso mito de democracia racial, e que, por meio da desconfiança e violência, dissemina suas ações.

O discurso da luta pela democracia e da verdadeira igualdade perpassa toda uma historiografia literária. Não é de se espantar que recordemos inúmeras obras da literatura brasileira que buscam ser instrumento contra práticas opressoras, ultrapassando os limites da política para se constituírem verdadeiros documentos a fim de uma genuína transformação social. Essas narrativas, variadas nos seus mais diversos tons e gêneros textuais, propagavam ideais de luta contra questões que tematizam sofrimento e violências em assuntos concernentes a gênero, raça, classe e uma gama de outras possibilidades de preconceitos e discriminações.

O texto evaristiano, ao passo que reclama da ausência de muitos direitos, destaca um conjunto de deficiências nos indivíduos que ocupam as camadas hegemônicas da elite e que dão aval para a permanência dessas mesmas deficiências. A voz da personagem que sofre, ecoa pelo texto como um som forte de: - Não me mate! Outrossim, o enredo que serve de pano de fundo para inúmeras realidades de brasileiros e brasileiras revela um país imerso numa prática de violência física e psicológica contra o sujeito pobre e racializado.

Dentre os inúmeros pontos que o conto aborda talvez a violência física seja o mais gritante, mas não se pode deixar de lado uma série de outras reflexões que a autora busca suscitar com a leitura. Esses pontos perpassam questões de gênero, classe etc.; pois somente neste misto de categorias se seria possível enxergar uma sociedade complexa, e que, infelizmente, é tão entrecruzada por práticas de maldade com o outro, uma vez que essas discriminações não são reduzidas a uma única categoria social que nos forma. Parte-se da hipótese de que a vida periférica da protagonista Maria descortina uma infinidade de associações para com as inúmeras Marias pelo país a fora. Seriam estas mães solteiras, empregadas domésticas, usuárias de transporte público, bem como a protagonista da história, e assim, a representação literária de uma vivência claramente à mostra.

Desta maneira, o conto que se abre como mais um dia comum de trabalho para uma brasileira moradora de uma periferia de capital brasileira, aguça uma infinidade de discussões sociais sobre os direitos da população negra e a denúncia das gritantes atrocidades que os envolvem cotidianamente. Metodologicamente, este trabalho fará uma aproximação qualitativa e bibliográfica sobre a literatura como um fator dentro da discussão dos direitos humanos, levando em consideração os desdobramentos disto para o diálogo com a questão racial. Usa-se como aporte a noção de racismo estrutural de Silvio de Almeida (2020) e os processos de exclusão para com o sujeito negro, já apontados por Fanon (2008), dentre outros.

2 Enxergando os olhos de Maria

O conto *Maria*, que integra o livro *Olhos d'água*, narra a história de uma mãe e trabalhadora doméstica, que ao voltar para casa depois um dia atribulado sente-se muito feliz, pois levará para os filhos os restos de comida de um banquete grandioso ocorrido na casa da patroa. No enredo, Maria se desloca via ônibus para a periferia onde mora, e é surpreendida com um assalto que assola a condução que está utilizando. O fato integrante se consolida ao perceber que um dos assaltantes do ônibus é o seu ex-companheiro e pai de seus filhos. A história chega ao auge da dor, quando este se comunica com a personagem e diz que está com saudades dos filhos. Por conseguinte,

após o assalto, os demais passageiros revoltados pelo ocorrido acusam Maria de ser integrante do plano de assalto dos criminosos e a espancam e pisoteiam até a morte.

O tom do conto caminha no percalço de mostrar a dura vida experienciada por diversas classes de pessoas do país, que vivendo a margem da sociedade, sobrevivem com muito pouco ou quase nada. Assim, “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto!” (EVARISTO, 2014, 366-368).

Essas pessoas, em grande parte negros, experienciam uma privação de direitos e oportunidades que marcam os processos de opressão nos personagens da obra. Ao tematizar essas questões, Evaristo reforça como a violência física tem como alvo primordial determinadas categorias, entre estas negros e mulheres. A análise da representação da personagem Maria abre a atenção para a experiência de pessoas que convivem neste lugar cotidianamente, mas também tenta alçar meios na busca de integrar, por meio desses personagens, a inclusão destes sujeitos nas pautas de discussão social. Assim, considera-se que:

Enquanto a literatura como prática de representação pode reforçar a ordem hegemônica [...], a produção literária também pode desafiar a estrutura dominante através do uso do dissenso como dispositivo retórico ou como tema. A literatura que emprega o dissenso de forma temática ou estilística pode participar da democracia expandindo o âmbito simbólico para introduzir vozes diferentes, incluindo sujeitos que muitas vezes são ofuscados pela ordem hegemônica. (LEHNEN, 2018, p. 16).

A representação do negro no conto evaristiano mostra a necessidade de assistência que populações periféricas demandam de forma urgente. Essas questões perpassam desde educação, segurança e emprego até a própria alimentação. Como afirmado acima, na tentativa de incluir essas vozes dentro de uma discussão que os abarque na plenitude de seus direitos faz-se uma severa crítica às instituições políticas que esquecem uma grande parcela da população. No trecho a seguir, vemos que:

Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O

osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. (EVARISTO, 2014, 368-370).

Ressalta-se aqui a fome, ilustrada na triste condição de colher as sobras de uma classe dominante que comanda os meios de produção e explora o trabalho de outra. Maria estava feliz em proporcionar os restos da patroa para seus filhos, pois aquilo era, ainda, o máximo que tinha. Em sua frágil e oprimida percepção era ainda grata pela condição subalterna que desempenhava em seu trabalho como doméstica. Essa variante de exclusão, coloca o sujeito racializado em um patamar de inferioridade que culmina que a destruição de sua alteridade até que por fim se aniquile sua vida, como veremos adiante.

Em sua obra, *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon (2008) já destaca como a sociedade poda a identidade negra e, assim, constitui esse sujeito numa categoria de monstro, um ser desprezível que amedronta e que não teria outra utilidade a não ser o papel de servidão, pois somente para aquilo este teria uma utilidade no bojo social. A conduta de Maria na obra, é enxergada como a da doméstica servil que não teria outra função a desempenhar a não ser essa, com um lugar socialmente já bem delimitado, a ascensão social era uma conjuntura intransponível.

O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo ao menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, me encolhesse. (FANON, 2008, p. 107).

Assim, segundo Fanon, é possível se perceber que a hegemonia branca constrói os discursos e os molda a fim de uma colocação já certa para a figura do negro. Isso coaduna com o conto *Maria*, uma vez que o acontecimento do assalto, já mencionado anteriormente, traz uma forte implicação de como Maria era vista entre os demais passageiros daquela condução, ou seja, ocupando o lugar do *outro negro*, para a personagem não sobrava muita coisa além do olhar discriminatório de acharem, de fato, que ela fazia parte do plano de assalto.

Isso se mostra como uma prática preconceituosa que já discrimina o sujeito sem sequer conhecê-lo, baseando-se em traços ou características que seriam seus antecessores, onde aqui se destaca o processo de racialização como um pré-determinante social. Como vemos no texto de Evaristo, a personagem além de não ter qualquer envolvimento no ocorrido, sequer já tinha passado por tal situação.

Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. (EVARISTO, 2014, 392-395).

Talvez o destino estivesse pregando uma peça em nossa personagem, sem nunca ter visto o companheiro pelos últimos tempos, era justo no momento do assalto que ela o reencontrava. Isso aguça nos passageiros o que Silvio de Almeida coloca como *racismo estrutural*, uma vez que tratamos de uma variante, que encontra no seio social, o racismo como um componente orgânico, ou seja, a sociedade seria/é racista, e essa premissa se prolifera por todos os desdobramentos em que essa mesma sociedade atua, quer seja em âmbitos institucionais ou simples práticas cotidianas.

Deste modo, ver a personagem Maria falando com o assaltante e julgando sua cor de pele seriam traços mais que suficientes para a associação com o mundo da criminalidade e do banditismo. Neste momento, não importava para os demais o quer que fosse, ou o que Maria teria a explicar em seu favor, seu julgamento já estava sacramentado e a antecedia simplesmente por sua condição de mulher negra. Assim, para Almeida

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é a regra e não a exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. (ALMEIDA, 2020, p. 50).

O pré-julgamento conferido a Maria respalda-se no racismo estrutural que a vê como criminosa por sua cor de pele e condição de classe menos favorecida. Desta maneira, uma associação inata poderia traçar os rumos das atitudes dos demais passageiros do ônibus com a mulher. Neste momento, todas as qualidades e demais características se apagavam por trás do viés da raça e da condição social. Não se podia enxergar a mulher trabalhadora que acordava cedo e sustentava os filhos com muito esmero, apesar das dificuldades, nem tampouco a honestidade de quem pedira para a patroa os restos da comida, que iria para o lixo, se não fosse pela empregada que os transformaria em refeição no fim do dia.

Tudo o que se enxergava era como Maria estava associada com a criminalidade do fato acontecido por sua condição racial. Isso implica dizer que a situação ilustrada no conto é um terreno fértil para a imposição de estereótipos e estigmas sobre Maria, que não tendo qualquer relação com o assalto ocorrido, leva a culpa da mesma forma. Sobre essa perspectiva, é interessante discorrer sobre o estigma que assola o corpo negro na literatura, sempre tomado como subalternizado e criminoso, pois a marca da racialidade é uma premissa que beira o crime, segundo o pensamento e posturas coloniais.

Para Erving Goffman (2021), o *estigma* opera como um conjunto de atividades e ações que divide os grupos da sociedade em normais e não normais, ou seja, na visão do antropólogo canadense, existem sujeitos normais e sujeitos estigmatizados que, por conta de um conjunto de diferenças, tendem a ser minorizados por uma hegemonia colonial e escravista. Dessa maneira, Maria ilustra no conto uma população negra que carece de assistência e políticas públicas que busquem resolver o problema do preconceito e da falta de auxílio a grupos sociais marginalizados, mas recebe a paga de um estigma dessa mesma sociedade que deveria ajudá-la.

Como conclusão, posso repetir que o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. (GOFFMAN, 2021, p. 148-149).

O estigma sobre a personagem Maria ecoa na forte associação em que essa seria comparsa do grupo de assaltantes do ônibus e estaria ali facilitando a ação destes. Em determinado momento da obra cria-se, pelo conjunto dos demais passageiros, uma justificativa para a ação de Maria em não descer da condução junto com os criminosos, sendo isto apenas um sinal para disfarçar a cumplicidade. Esse discurso respaldado numa forte carga de preconceito e racismo estrutural acha terreno na situação entre os passageiros que avançam sobre a pobre personagem.

Alguém gritou que Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. (EVARISTO, 2014, 397-401).

Maria seria, a partir desse momento, agredida por um grupo de desconhecidos na condução que pegara todo dia para se deslocar para o trabalho. Não se via nos olhos enfurecidos das demais personagens nada além de um pseudo senso de justiça que só se aliviaria com o linchamento da mulher, aclamado inúmeras vezes com “*Lincha! Lincha! Lincha!*” (EVARISTO, 2014, 406).

No conto, a personagem Maria representa a mulher negra subalternizada fortemente pelo preconceito e racismo estrutural, em categorias que permeiam a raça, o gênero e a classe, pois a personagem carrega consigo um conjunto de aparatos que a pormenorizam: negra, mulher e pobre. O nome Maria, remetendo religiosamente a mãe do menino Jesus, acentua a maternidade da personagem que também tem seus filhos para criar. Estes a esperam em casa com a comida e o sustento que a empregada doméstica levava a duras penas taciturnamente. Trata-se aqui de um modelo patriarcal que acentua as características raciais, sobretudo, como pontos justificadores para a subalternização e exploração do corpo e da vivência negra.

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora,

deslocamento - que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas - transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da 'ideia' de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. (BHABHA, 1998, p. 240).

No cerne dos estudos culturais e pós-coloniais, Bhabha nos sugere como grupos marginalizados são silenciados historicamente a partir de políticas e práticas alienantes, estas operando em meios de produção e cultura como uma variável para manutenção de um *status quo* branco, misógino e elitista. Por meio dessa conjuntura inventada se propagam cada vez mais discursos de ódio e opressão contra diversos grupos da sociedade, como negros, mulheres, sujeitos e sujeitas LGBTQIAP+, entre outros.

No clímax do conto, Maria sente sua consciência limpa, afinal, não era responsável por nada do que era acusada, mas isso não era suficiente para absolvê-la de um crime injustamente conferido. Partindo em sua defesa, o motorista da condução alega que a conhece e que isso não procedia, pois Maria era passageira corriqueira da linha de ônibus, sempre no mesmo horário retornando no trabalho para sua moradia.

Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... (EVARISTO, 2014, 403-407).

A tentativa em defesa da personagem era inútil, pois enfurecidos, os demais passageiros sequer deram ouvidos os gritos de defesa do motorista em favor de Maria. Fora linchada, espancada e pisoteada até a morte, pura e simplesmente por sua condição

de mulher negra e pobre. Vale mencionar que a narrativa evaristiana não se trata de uma condenação a mulher e ao povo negro no Brasil, pelo contrário, trata-se de uma escrita que busca o empoderamento de uma parcela da população extremamente marginalizada nas mais diversas esferas da vida cotidiana, e que muitas vezes no descortinamento dessa violência pela literatura se propagam os sentimentos de revolta em favor da mudança social almejada.

Ao ilustrar uma Maria, ressaltando que este é um dos nomes femininos mais comuns do nosso idioma, segundo o Dicionário de Nomes Próprios da Língua Portuguesa (2021), Evaristo mostra como a mulher negra é apresentada numa conjuntura de apenas mais uma, um ser que, sem qualquer atenção, pode ter sua vida aniquilada e isso não faria diferença na sociedade. Assim, infelizmente, os filhos da personagem não receberiam os ossos que, com tanto carinho, a mãe guardara do jantar na casa da patroa. Sem dúvidas, para estes, a ausência de Maria seria fortemente notada.

O corpo negro pisoteado no ônibus de uma noite urbana brasileira passa a compor mais um número estatístico do que propriamente uma vida ceifada. Desta maneira, ao problematizar essas duras questões, a autora de *Olhos d'água* usa de sua tessitura literária como uma arma contra essa e outras formas de violência, tentando por meio da palavra combater a forte mazela do racismo que perdura cotidianamente no seio do Brasil.

A *escrevivência* de Evaristo, tomada como uma ferramenta metodológica que empodera a escrita afro-brasileira a fim da desconstrução de um discurso branco e colonizador, acha força em *Maria* como uma denúncia contra o racismo estrutural e o estigma imposto a pessoas negras, o que como já exposto, culmina com violências e assassinatos repetidas vezes. É por meio dessa potencialidade que se busca uma valorização da identidade negra, mas entendida aqui, nos liames de uma proposta autêntica e legítima, não como uma mera representação a partir do discurso do próprio opressor, que busca silenciar a voz negra, e a partir da sua, falar pelo oprimido, oprimindo-o mais ainda.

3 Considerações finais

Foi possível perceber que a experiência vivida do negro, já apontada por Fanon (2008), e a escrevivência de Conceição Evaristo (2014) surgiu como mote de uma produção afro-brasileira literária que galga um espaço de empoderamento dentro do bojo dos estudos literários. No conto *Maria*, da coletânea *Olhos d'água*, a impenhência do racismo estrutural e a falta de proteção enfrentada pela mulher negra se misturam a um texto de denúncia revelador e forte, pois ao passo que gerou o desconforto pela violência, gerou em conjunto a revolta pelas injustiças sociais que se perpetuaram fortemente num contexto de negro escravidão.

O percurso da personagem que morreu nas mãos de agressores, que sequer lhe deram a oportunidade de defesa, mostra a face de uma conjuntura preconceituosa que buscou fornecer uma explicação natural para o racismo, tomando-o como uma variante inata do nosso povo, que acentuou o sujeito “não branco” como diminuto e discriminadamente racializado.

A vida da personagem Maria foi marcada por uma série de desdobramentos sociais que a marginalizam para uma condição subalterna, nunca deixando de esquecer que esta condição se faz como uma imposição, e não uma escolha. Mulher negra e pobre, mãe solteira, abandonada pelo companheiro, pois este se filiou ao mundo da criminalidade. Essa série de adjetivações fazem parte de um discurso social que silenciou paulatinamente a personagem e a coloca numa posição à deriva no destino, sendo levada pelo decorrer da vida e sem forças para alterar seu curso, demonstrando assim muito pouca abertura de oportunidades para que se possa alterar a sua realidade.

Por sua vez, na denúncia de Conceição Evaristo se instaura em processo de contradiscurso, com o rompimento do silêncio negro e a reclamação contra uma hegemonia de voz e discursos brancos e elitistas. A denúncia se faz e se propaga desde a reclamação das altas taxas de passagens urbanas, que assolam os mais pobres no uso de transporte público, até o espancamento contra o corpo negro que, sem poder se defender, foi esmagado nos pés dos outros e outras.

Diante de tudo isto, o assinalar do racismo estrutural e da violência contra uma determinada categoria de sujeitos e sujeitas mostra uma realidade afetada em toda sua conjuntura enquanto sociedade. Isso o texto literário traz de forma bastante acentuada, mas não deixa de ilustrar que registramos uma ficcionalização de um real muito

presente em cada cidade do país. Partindo dessa análise, temos um ponto crucial: os filhos de Maria agora estão abandonados pela mãe, todavia uma gigante massa da população sempre esteve abandonada. Se isso constituiu uma cultura social dentro da esfera do povo brasileiro, o texto de Conceição Evaristo veio justamente para propor uma nova configuração social longe dessas práticas e ações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- EVARISTO, C. Maria. In: *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. (E-book)
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador-BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC. 2021.
- LEHNEN, L. O direito à poesia. In: DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura e direitos humanos*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018. p. 13-29.
- MARIA. In: Dicionário de Nomes Próprios da Língua Portuguesa, 2021. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=syllables&act=list&letter=m&start=3300> Acesso em 21 dez. 2021.

Recebido em 10/04/2023

Aceito em 20/06/2023